



Protestantismo, Nazismo, Sionismo e Apartheid: Capitalismo & Teologia nas subjacências do agir democrático¹

*Protestantism, Nazism, Zionism, And Apartheid: Capitalism & Theology in the undertakings
of democratic act*

Marcos Kruse²

Resumo A questão de fundo é encontrar os elementos comuns nas diferentes doutrinas e sistemas historicamente determinados como expressões de fé. Quer dizer, o que há de comum em relação às ideologias do nazismo, sionismo e apartheid? E, havendo elementos em comum, como estas podem estar ligadas a expressões correntes da fé e da teologia? Ainda, como a democracia está relacionada ou vinculada a tais expressões ideológicas? Não seria o caso de sustentar-se que a democracia e a fé cristã seriam transcendentais em relação às particularidades políticas e sociais? Das indagações feitas, o fio condutor do artigo aponta para que a crítica à teologia se faz em função da dialética democracia e socialismo.

Palavras-chave: Nazismo, sionismo, apartheid, democracia e socialismo conectados à fé.

Abstract: The fundamental question is to find the common elements in the different doctrines and systems historically determined as expressions of faith. So, what is common in relation to the ideologies of Nazism, Zionism, and apartheid? And, if there are elements in common, how can these be linked to current expressions of faith and theology? Still, how is democracy related or linked to such ideological expressions? Wouldn't it be the case that democracy and Christian faith would be transcendent in relation to political and social particularities? From the questions, the guiding thread of the article points out that the criticism of theology is made in terms of the internal dialectic of democracy and socialism.

Keywords: Nazism, Zionism, Apartheid, Democracy and Socialism connected with faith.

Introdução

Este artigo, que nasceu de uma suspeita, promove, em caráter investigativo, possíveis correlações entre os vértices protestantismo e nazismo, de um lado, e sionismo e apartheid, de outro. Da investigação e do revolver bibliográfico, entendemos que as questões postas estabelecem, entre os polos de vértice, suficiente grau de correlação, de sorte que é possível admitir a existência de vínculo entre os grandes vértices: protestantismo e nazismo, de um lado, e sionismo e apartheid, de outro. Se este vínculo é suficiente ou se enseja maior aprofundamento, é a questão provocativa que ora se propõe.

¹ Este artigo foi recebido em 13 de maio de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 12 de dezembro de 2024.

² Doutor. Universidad Nacional de Lomas de Zamora. E-mail: mkruse@mkruse.com.br



O avanço temático se faz, indutivamente, pela situação presente vivida pela população palestina na Faixa de Gaza. Da indução, segue o vínculo do sionismo com o apartheid vivido na África do Sul. Ou seja, ficam estabelecidas, em certo grau tropológico, as correspondências entre sionismo e apartheid, de um lado, e, de outro, entre fascismo-nazismo e os vínculos com o luteranismo-calvinismo.

A conclusão apela para o socialismo como forma própria de configuração do cristianismo, isto em oposição aos sistemas que, tropologicamente, abordamos no corpo do argumento. Este socialismo, em relação ao cristianismo, em tese, não teria sido cooptado, como ocorreu com o sistema capitalista, seguindo aqui as observações de Weber. O que se defende, ao final, é o retorno à forma bruta da profissão de fé do cristianismo, sem o que o próprio protestantismo perde a sua razão de ser.

O Ponto da Suspeita

O presente artigo surgiu de uma informação que encontrei na leitura da obra de Breno Altman. Escreve ele sobre a criação do sistema do racismo imposto na África do Sul, e diz:

Quando Israel foi criado, em 1948, no mesmo ano surgia outro regime de corte racial, o apartheid sul-africano, estabelecido pelo pastor protestante Daniel François Malan, que dividia as etnias em castas com direitos distintos, de tal sorte que a minoria branca e bôer pudesse exercer seu domínio. (ALTMAN 2023, 51)

O destaque que faço é o ponto que me despertou atenção desde a expressão “pastor protestante” para a figura de Daniel François Malan. A suspeita e a indagação que me fiz é entender como é possível que um pastor protestante tenha criado e defendido o regime do apartheid? Não haveria aí uma profunda contradição entre a própria condição de pastor e também de ser protestante? O movimento reflexivo em torno desta indagação fundante é o motivo deste artigo. Não que aqui eu caminhe contra o esforço ecumênico, já que o entendo ser absolutamente necessário e impostergável, inclusive a respeito das seitas e cultos (KRUSE 2023). A crítica se faz pela constatação de que há algo equivocado posicionado na articulação da raiz da teologia e que tal equívoco deve ser visto, compreendido e revisto.



O que é Protestantismo? (breve excursão histórico)

O ponto de estribo para o esforço crítico tem a ver com a palavra protestante e, por derivação, protestantismo. Protestantismo e protestante têm a ver com um momento histórico específico. Não nasce, o protestantismo, em 1517 e, sim, no protesto lavrado em 1529, em que os príncipes alemães que aderiram à proposta de Lutero para a reforma da igreja discordaram, ou seja, protestaram contra os termos do édito da Dieta de Espira. Esta Dieta imperial do Sacro Império Romano-Germânico ocorreu na cidade imperial livre de Espira (Speyer), localizada no Estado da Renânia-Palatinado. O imperador Carlos V, que havia se livrado dos problemas da grande guerra com a França e promovido a reconciliação com o Papa Clemente VII, estava livre para dedicar-se ao problema luterano (WALKER 1980 [1967], 454-466).

Mas o motivo central e motivador da Dieta era o avanço dos turcos sobre a Hungria. Viena estava sitiada, e era urgente conclamar as forças de reação a tal avanço. Uma divisão do império por conta da religião era o que menos interessava naquele momento. Em 1526, três anos antes, na mesma Espira, outra Dieta havia estabelecido a virtual impossibilidade de se manter as prescrições que vinham do Édito de Worms, de 25 de maio de 1521, de proibir os escritos de Martinho Lutero. Em 1526, formalizou-se um tipo de moratória, já que cada príncipe poderia tomar suas próprias decisões a respeito do culto e ensino que se faria em sua área de mando. Assim, em 1526, foi fixada uma trégua para o Édito de Worms. Com isso, o luteranismo pôde expandir-se na Alemanha.

Em 1529, por outro lado, a Dieta de Espira estava às voltas com uma séria ameaça à coesão imperial diante do avanço otomano.

A Dieta de Espira de 1529 foi convocada e teve início em março de 1529, com o específico propósito de articular a ação imperial contra os turcos. À convocação compareceram representantes católicos, além de príncipes luteranos e simpatizantes do movimento suíço de Ulrich Zwínglio.

Considerando a vitória do império de Carlos V contra a França, os católicos entenderam que tinha chegado o momento de se reverter a implantada tolerância religiosa fixada em 1526. Na Dieta, não estava presente Carlos, que enviara como representante Fernando, seu irmão. Fernando resolveu impor censura à forma como os príncipes haviam interpretado a decisão tomada em 1526. A decisão de Worms estava agora, em 1529, ratificada e ampliados os seus efeitos.



Contra esta decisão, os luteranos presentes na Dieta perceberam que a aplicação das regras fixadas em Worms significaria o estrangulamento do movimento luterano, motivo pelo qual ingressaram com um apelo que tomou a forma de protesto em 25 de abril de 1529. O protesto foi assinado por figuras importantíssimas para a sustentação do império. Firmaram o protesto Johann von Sachsen, príncipe eleitor da Saxônia de 1425 a 1532, cognominado João, o Constante; Jorge von Brandenburg, marquês de Brandenburg-Ansbach da Casa de Hohenzollern; Filipe I de Hesse; e também os duques Ernest e Francisco de Braunschweig-Lunenbourg, Wolfgang de Anhalt, mais ainda representantes de quatorze outras cidades imperiais. Pelo protesto, estava claro que os signatários estavam dispostos a defenderem-se mutuamente. João, o Constante, propôs o lema para o grupo de que “a Palavra de Deus permanece para sempre.”

O que se definiu em 1529 com a cunha da palavra protestante não pode ser, anacronicamente, levado para o passado, a exemplo de 1517, como também não se pode, desatentadamente, fazer incluir outras questões futuras em torno do vocábulo.

O movimento de contestação à Igreja Católica durante o século XVI era reflexo da pregação de Lutero na Alemanha e Zwinglio na Suíça. No caso de Zwinglio, este foi morto na batalha de Kappel am Albis, no dia 10 de outubro de 1531.

Em relação às consequências da Dieta de Espira de 1529, ficou isolado o movimento luterano. João Calvino vai tomar à frente de modo mais decidido com o movimento de contestação à dominação católica a partir de 1534, isto pelo envolvimento dos líderes franceses ligados a Guillaume de Farel.

Por acaso, até o rei Francisco I, em 1535, publicou o Édito de Coucy, em que propunha medida conciliatória entre aqueles que eram contrários e os favoráveis ao catolicismo. Francisco I precisava do apoio dos luteranos alemães na nova guerra que estava posta contra Carlos V e que durou de 1535 até 1538.

Foi apenas em 1536 que João Calvino fez publicar a primeira edição das *Institutas* (CALVINO 1999 [1597]). É possível, pois, dizer-se que o calvinismo tem sua origem em João Calvino e, nesse sentido, é um protestantismo de enxerto. O calvinismo se instala e assume para si, honrosamente, o título de protestante.³

³ Mas o movimento se identifica como reformado e segue, grosso modo, a teologia proposta por João Calvino. Em teologia, inexistente algo como uma posição reformada, de sorte que é melhor falar em perspectiva ou orientação para



Malan, Du Toit, Verwoerd e o apartheid

Daniel François Malan (1874–1959), para ser mais exato, portanto, não é um pastor protestante; é um pastor da igreja presbiteriana ou calvinista da Holanda. Daniel nasceu na África do Sul, e sua família era de refugiados huguenotes (calvinistas franceses). Estudou no seminário de Stellenbosch, na África do Sul, para ser ministro da Igreja Reformada Holandesa. Em 1900, foi para o doutorado na Universidade de Utrecht, na Holanda, obtido em 1905. No regresso à África do Sul, foi ministro da Igreja até envolver-se na política do Partido Nacional, em 1914. Malan tornou-se editor do novo jornal *De Burger*, função que permitiu candidatar-se a uma cadeira no parlamento. Em 1918, foi eleito para o Parlamento Sul-Africano, permanecendo na função até 1938. Na política, Malan não queria misturas ou concessões e, em 1934, fundou, com outras lideranças, o Partido Nacional Purificado. Depois dos resultados eleitorais de 1948, Malan tornou-se chanceler da África do Sul e, no tempo de sua atuação de seis anos, estabeleceu as bases teóricas e práticas do apartheid.

Os holandeses foram parar na África do Sul como parte do movimento estabelecido pela Companhia Holandesa das Índias Orientais. A localização da África do Sul permitia que ali se fizesse um entreposto, uma escala no caminho dos navios da empresa em direção à Indonésia. Os que vieram eram agricultores (*boer* em holandês). Ao chegarem à África do Sul, resolveram utilizar a força de trabalho dos nativos como escravos nas *plantations* holandesas, fato que caracteriza a continuidade do fardo holandês (WEINER 2015; BRAGA 2015). A Inglaterra logo percebeu que não poderia deixar a Holanda livre e solta na exploração colonial e, em 1800, estabeleceu a sua colônia inglesa na Cidade do Cabo. O Congresso de Viena formalizou a possessão britânica em 1814. Com a abolição da escravidão, movida pelos novos interesses britânicos em 1834, iniciaram-se conflitos violentos entre holandeses e ingleses na África do Sul. Os *boeres* migraram para o norte da África do Sul, atravessando a região montanhosa de Drakenberg, carregando consigo os seus

descrever o vínculo com a teologia que se assume vinculada a Calvino. Assim, a palavra "reformado" designa um ponto de vista teológico e não um rótulo denominacional (GUTHRIE JR., 1968, 23-28). O ponto de vista teológico é que a igreja reformada deve estar sempre em reforma. Como estrutura fundamental da teologia, o calvinismo, ou a teologia reformada, é a maior denominação cristã do planeta. O calvinismo está presente nas doutrinas salvíficas do Catolicismo Romano e de todas as modernas denominações evangélicas, na admissão do *cooperatio homini cum deo*. Por essa doutrina, e suas infinitas variantes, se imagina que o ser humano deva fazer algo ou assumir determinado comportamento para evidenciar sua fé.



escravos. Foram estes holandeses que fundaram as repúblicas do Orange e do Transvaal, em que o massacre dos povos nativos se institucionalizou. Aos poucos, a população preta foi restringida de qualquer participação na vida política.

A descoberta de diamantes na região ocupada pelos holandeses no Orange e Transvaal levou à guerra entre ingleses e *boeres*, sendo vitoriosos os ingleses. Com a vitória inglesa, foi criada a União Sul-Africana sob dominação inglesa. A disputa entre holandeses, agora chamados *afrikaners*, e ingleses passou, das armas, para o campo político. Pretos estavam completamente alijados do espaço político, já que não pertenciam à nação articulada pelos holandeses na África. Os *afrikaners* elegeram, em 1910, Louis Botha, que promoveu a explícita política das restrições à população preta nativa da África. Sob o governo de Jan Smuts, do Partido Unido, foi criada, em 1917, a palavra *apartheid*, de origem *afrikaner*, que significa separação, segregação. A segregação tinha por ideologia subjacente a ideia da preservação dos valores que os holandeses portavam na África (PEREIRA 2010). Pensava o Partido Nacional, como consta em seus documentos partidários, sobre o movimento de segregação, que se implantou em 1948:

A política da segregação racial se baseia nos princípios cristãos do que é justo e razoável. Seu objetivo é a manutenção e a proteção da população europeia do país como uma raça branca pura e a manutenção e a proteção dos grupos raciais indígenas como comunidades separadas em suas próprias áreas (...). Ou seguimos o curso da igualdade, o que no final significará o suicídio da raça branca ou tomamos o curso da segregação.

Agora, a ideologia do apartheid não tem a ver apenas com Daniel François Malan, já que Stephen Du Toit (1847–1911), ministro da Igreja Reformada Holandesa, foi um dos fundadores do Afrikaner Bond e editor do jornal *Die Afrikaanse Patriot*. O ponto abordado por Du Toit era o de que os *afrikaners* eram uma nacionalidade distinta da nativa e que a sua pátria seria a África do Sul. A língua também se diferenciaria, já que o *afrikaans* estabeleceria o destino do *volk* (povo) para governar a África do Sul (PEREIRA, *Apartheid; Apogeu e Crise do Regime Racista na África do Sul* [1948–1994], 2008).

Depois que Daniel François Malan deixou a chancelaria da África do Sul, em 1958, surgiu a figura de Hendrik Frensch Verwoerd, um dos principais articuladores da efetiva política do apartheid. Verwoerd foi chanceler da África do Sul no período de 1958 a 1966. Concluiu o doutorado em 1924 na Universidade de Stellenbosch. Verwoerd era psicólogo e sociólogo e, em 1964, foi o principal responsável pela condenação à prisão perpétua de Nelson Mandela, que, então,



era líder do Congresso Nacional Africano. O atentado que tirou a vida de Verwoerd ocorreu em 1966, quando foi ele esfaqueado logo depois de tomar posse novamente como chanceler. Verwoerd estava no Parlamento quando Dimitri Tsafendas, armado com um punhal, o esfaqueou no pescoço.

A Igreja Reformada "protestante" Holandesa

A Igreja Reformada trazia, da Europa, suas próprias batalhas ligadas à teologia que rejeitava a modernidade. Especialmente a contribuição de Abraham Kuyper (1837–1920), político, ideólogo e teólogo holandês, visava opor-se a qualquer nova proposição moderna. Kuyper fundou o Partido Antirrevolucionário e, de 1901 a 1905, foi chanceler da Holanda. O seu pai era ministro da Igreja Reformada Holandesa. Abraham estudou teologia em Leiden, recebendo, em 1857, seu propedêutico com *summa cum laude* e, depois, em filosofia no ano de 1858, também com *laude*. Em 1862, recebeu o doutorado em Teologia e, em 1863, assumiu o ministério na cidade de Beesd. Em 1874, foi eleito para o Parlamento e, em 1880, fundou a Universidade Livre de Amsterdã, que toma a Bíblia como base de estruturação do conhecimento humano. Em 1898, viajou para os Estados Unidos, ministrando palestra no Seminário Teológico de Princeton, recebendo aí o Doutorado em Direito na Universidade de Princeton. No retorno à Holanda, assume a liderança do Partido Antirrevolucionário e, em 1901, por convite da rainha Guilhermina, torna-se chanceler da Holanda. A sua ideia fixa era a de que os lares, as escolas e o Estado deveriam ser moldados conforme as ordenanças de Deus para o bem do povo. Em certo sentido, trata-se de uma ampliação do ideário reformatório da Igreja, para que esta possa atingir o mundo pecador.

A Igreja Reformada Holandesa, definida pelo espírito do calvinismo holandês, esteve ativamente engajada contra o modernismo. As nações deveriam ser protegidas de todo liberalismo e posicionamentos revolucionários. O Iluminismo fazia parte destas doutrinas nefastas que pregariam a igualdade, fraternidade e liberdade, lemas da Revolução Francesa. A perspectiva da dominação preta sobre a população *afrikaner* representava não apenas um problema de matiz político, mas, de fato, uma afronta ao cristianismo. A cultura preta envolveria e deturparia a pureza do cristianismo africâner, de sorte que o caminho cristão mais adequado seria promover a segregação, ou seja, o apartheid, em que os pretos, aí inclusos os indianos que foram trabalhar na África do Sul, a exemplo de Gandhi (FISCHER 1982), estariam separados da raça branca. Como já mencionado acima, a palavra *protestante* não se encaixa bem na configuração da Igreja Reformada;



é um enxerto, já que o calvinismo achou ser adequado o uso da palavra *protestante* para rotular sua luta contra o Catolicismo Romano. Adiante, retomaremos a fina distinção que, talvez, seja possível fazer entre igreja protestante e igreja reformada.

Apartheid & Calvinismo ladeado & Nazismo

Se até aqui demos a impressão de que o calvinismo está intrinsecamente vinculado à lógica do apartheid, é preciso lembrar que a mesma lógica de segregação foi imposta na Alemanha, contando com forte apoio luterano ou, digamos, protestante. O ponto de contato entre apartheid e nazismo tem a ver com as doutrinas do nacionalismo que foram assimiladas tanto pelo calvinismo quanto pelo luteranismo. Há uma diferença significativa na abordagem teológica do calvinismo em relação ao luteranismo. O calvinismo da Igreja Reformada é uma religião moderna que vai enfatizar a necessidade de as pessoas decidirem-se pela fé em Cristo. A fé é resultado das opções, das escolhas humanas e, assim, a fé calvinista é racionalista, individualista e direcionada tanto ao futuro quanto à pregação conversionista. O luteranismo, em contraparte, é uma religião retrógrada que vai enfatizar a vinculação das pessoas ao âmbito territorial. As pessoas não se decidem por Cristo; elas estão vinculadas à religião vigente no território em que se encontram. A fé se faz no contexto conservador e territorial, de sorte que é uma fé sentimentalista, comunitária e direcionada à manutenção da tradição.

O Iluminismo europeu afetou de modo distinto essas formas de encarar a fé. No caso do calvinismo, este se articulou como movimento de reação à modernidade. Este movimento reativo de conformação ativa espalhou-se em direção aos Estados Unidos e serve de base para todo o fundamentalismo estadunidense. Serve de base, aliás, para as novas formas religiosas que surgem no século XIX, inclusive aquelas denominações que se poderiam considerar seitas e heresias (KRUSE 2023, 1-250).⁴

Já para o caso do luteranismo, é justamente na ideia do comunitarismo das colônias, sempre vinculadas aos príncipes alemães, que se fixa a ideia de povo vinculado a um líder. Assim, de fato,

⁴ No caso desta obra, analiso a situação das seitas e heresias, tomando como ponto de partida as Testemunhas de Jeová, os Mórmons e os Adventistas do Sétimo Dia. Embora sejam denominações bastante diferentes, especialmente considerando o caso mórmon, o ponto comum para essas denominações é geográfico, na costa leste dos Estados Unidos. São denominações que compartilham um território geográfico comum e, além disso, têm a mesma conformação doutrinária de fundo, definida pelo calvinismo.

ocorre no caso da pregação do luteranismo por meio da figura do Bispo Imperial Ludwig Müller. O que se pretendia na estipulação de um cristianismo alemão (*Deutsche Christen*)? Para os cristãos alemães, Jesus, o Cristo, teria que tornar-se um galileu ariano por meio da desjudaização da Bíblia. Já em 1939, criava-se um instituto, em Wartburg, com a finalidade de eliminar a influência judaica na vida da Igreja alemã (KRUMPHOLZ 2019).



Figura 1: Bispo Imperial Ludwig Müller em Aachen – 1933

Fonte: <https://blog.archiv.ekir.de/tag/deutsche-christen/>

Agora, qual seria a razão pela qual se dar ao trabalho em torno desta eliminação? Por certo, em função da ideologia professada por Hitler. Julgava ele ser o semitismo nefasto, isto porque os judeus fariam parte de outra raça, seriam diferentes da raça ariana. A mistura de raças com seus efeitos deletérios está presente, não apenas na lógica afrikaner, como de fato, na articulação de Hitler. Escreve o Führer:

[...] a América do Norte, cuja população, decididamente, na sua maior parte, se compõe de elementos germânicos, que só muito pouco se misturaram com povos inferiores e de cor, apresenta outra humanidade e cultura do que a América Central e do Sul, onde os imigrantes, quase todos latinos, se fundiram, em grande número, com os habitantes indígenas. Bastaria esse exemplo para fazer reconhecer clara e distintamente o efeito da fusão das raças. O germano do continente americano elevou-se até a dominação deste, por se ter conservado mais puro e sem mistura; ali continuará a imperar, enquanto não se deixar vitimar pelo pecado da mistura do sangue. (HITLER 1983 [1925], 186).



A impureza, conforme Hitler, estaria incontestavelmente evidenciada no judaísmo, já que, adiante, escreve:

Se os judeus fossem os habitantes exclusivos do Mundo, não só morreriam sufocados em sujeira e porcaria, como tentariam vencer-se e exterminar-se mutuamente, contanto que é indiscutível falta de espírito de sacrifício, expresso na sua covardia, fizesse, aqui também, da luta uma comédia. (HITLER 1983 [1925], 196).

Quer dizer, existem elementos que levam o luteranismo ao mesmo cadinho cultural que prega a pureza em detrimento da impureza. Neste sentido, para Hitler, a raça tem a ver com o sangue, muito mais do que com a língua ou cor da pele. O sangue estaria nos fundamentos da fraqueza das raças inferiores. É exatamente neste sentido que o seguimento a um líder, no caso do luteranismo, tem muito mais a ver com a ideia de purificação na manutenção da unidade de um povo determinado do que a ideia calvinista de que seria o caso de se propor a segregação racial para garantir a pureza do cristianismo afrikaner. Mesmo assim, é logo perceptível que os ideários afrikaner e do Nacional Socialismo contêm elementos similares. Entre esses elementos está o conceito ligado ao racismo.

No caso do luteranismo de tipo alemão, o racismo é antecedente; ele se define pela comunidade ligada ao senhorio feudal. Os alemães sob Hitler entenderam o apelo de que a Alemanha teria de ser para os alemães. Diferente é o caso do calvinismo. O racismo é aí consequente, define-se a posteriori pela adesão ao processo de purificação da fé. O luteranismo quer a purificação dentro de suas fronteiras; o calvinismo quer a purificação como estipulação de barreiras à entrada. Na prática, o racismo alemão ou luterano levou à eliminação daqueles que não eram pertencentes à comunidade alemã. Já o racismo reformado leva à segregação, com determinação de esferas distintas de vida. Note, todavia, que apenas no caso da teologia calvinista é possível fazer uma distinção radical entre cristianismo (a Igreja, a fé) e o mundo (os pretos no caso da África do Sul). O racismo, o apartheid e até mesmo a solução final são, por isso mesmo, expressões, de certo modo, derivadas da vida de fé. Não dá para tirar a fé do absurdo, já que ela, e dentro dela, está a convivência com o absurdo.

Interfaces de uma mesma moeda

A mesma moeda posta em relação ao nazismo, ao apartheid e também ao sionismo tem a ver com a estruturação colonial e imperialista do modo de produção capitalista. O imperialismo,



assim percebeu Lênin, tem a ver com novos jeitos de se estruturar o capitalismo, que vai concentrando e monopolizando a produção industrial. O sistema financeiro responde a este processo porque se trata de acompanhar o ritmo do acúmulo (LENIN 1984 [1917]).⁵ São integrantes desta nova estruturação do capital as conformações do apartheid, do nazismo e fascismo, como também do movimento colonial e imperialista. O problema de fundo, tanto do apartheid quanto do fascismo e nazismo, e até do sionismo, é o capitalismo. Estas conformações de posicionamento humano respondem às necessidades postas pelo capitalismo em sua evolução. Vamos ver se conseguimos explicitar melhor esta tese.

Aqui, o pontapé vem da contribuição trazida por Karl Polanyi, isto a partir de dois escritos muito importantes de 1934 e 1935. A figura de Polanyi nem sempre é levada em consideração na grade de estudos das ciências econômicas. Mas o destaque que importa é que Polanyi estava na crista da onda para compreender o que era o fascismo. O pai de Karl era um judeu que se convertera ao cristianismo e a mãe havia sido ativista anarquista. Lukács frequentara a casa da família, que se distinguia pela seriedade da formação intelectual. Em Budapeste, assumiu a defesa do professor Gyula Pikler, que assumira posicionamento anarquista em relação à conformação do Direito. Na Universidade Babes-Bolyai, doutorou-se em jurisprudência e, em 1913, tornou-se advogado.

Durou pouco a atividade como advogado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, tendo sido feito prisioneiro no front russo. Depois de retornar a Budapeste, trabalhou como jornalista. Em 1933, foi morar na Inglaterra e de lá pôde analisar a formação do pensamento fascista. Um detalhe muito importante no contexto do pensamento de Polanyi foi seu casamento com a bela Ilona Duczynska, uma ativista que pertencera ao Partido Comunista da Hungria. É desta frutífera intelectualidade compartilhada no casamento que Polanyi faz análise do fascismo, isto no ano de 1934, desde o ponto de vista do vocabulário.

A primeira observação que faz Polanyi sobre o fascismo é sua tendência em realizar sua convulsão mantendo o *sistema econômico intacto* (POLANYI, El Fascismo y la Terminologia Marxista 2012 [1934], 231). O ponto determinante é que o fascismo é a resposta do capital à

⁵ Infelizmente, não me é possível neste espaço da reflexão teórica aprofundar as questões econômicas presentes nos debates que existiam no início do século XX. As interpretações marxistas do pensamento de Marx assumiram nuances de significado bastante diferentes. A contradição do capital que Marx havia confrontado assumia novas leituras nos embates que marcaram o espectro teórico em torno da internacional socialista (MAZZUCHELLI 1985).



incompatibilidade intrínseca entre democracia e capitalismo, e isso parte da constatação de que, “se a democracia fosse verdadeiramente a superestrutura política apropriada para o capitalismo, nunca teria existido o fascismo.” (p. 232). Pelo fascismo, quer-se promover uma revolução que mantém intacto o capitalismo (p. 233). Daí que a democracia, para Polanyi, é a radicalização da democracia e, sem ela, o socialismo é nada. Mas, por meio do fascismo, a democracia é desalojada e, em seu lugar, mantido o capitalismo (p. 234). Como se vê deste impactante artigo, a democracia, para Karl Polanyi, é intrinsecamente vinculada ao socialismo, posição também presente na argumentação de Rosa Luxemburgo, já que o capitalismo seria a configuração organizada da barbárie.

A segunda observação tem a ver com a melhor explicitação do pensamento de Polanyi sobre o que seria este fascismo e como ele está umbilicalmente ligado ao capitalismo. Isso vem em outro artigo, desta vez, do ano de 1935 (POLANYI, La Esencia del Fascismo 2012 [1935]). A questão aí é saber, exatamente, qual é a essência do fascismo e ela representa, “não apenas a queda do movimento socialista, como também o fim do cristianismo em todas as suas formas, exceto nas mais corrompidas.” (p. 203). Em relação às igrejas oficiais, observa ele que os socialistas religiosos e os pacifistas cristãos estavam excluídos, como sempre estiveram, de tais oficialidades cristãs. Ora, para Polanyi, o socialismo faz parte da herança cristã. O fascismo se mostra como essencialmente antiindividualista, na medida em que o indivíduo deve submergir diante de uma lógica que lhe é externa e que é imposta. A comunidade fascista se faz como os ramos de feixes amarrados em torno de um machado. As *fascas lictoris*⁶ indicavam o vínculo de amarração em relação à autoridade. Em torno desta autoridade, todos devem estar unidos. Ao se oporem à democracia, os fascistas trilhavam o caminho consequente, já que a democracia e o socialismo caminham de mãos atadas. Também assim pensava Hitler ao entender que a democracia ocidental é a precursora do marxismo, que seria totalmente impensável sem ela. *Ipsis litteris*, escreveu ele:

E se uma parte do marxismo, por vezes, tenta, com muita prudência, aparentar indissolúvel união com os princípios democráticos, não convém esquecer que esses senhores, nas horas críticas, não deram a menor importância a uma decisão por maioria, à maneira democrática ocidental! [...] O marxismo marchará com a democracia até que consiga, por via indireta, os seus criminosos fins, até obter apoio do espírito nacional, por ele condenado à extirpação. (HITLER 1983 [1925], 236-237).

⁶ Esta obra, publicada pela Civilização Brasileira, é de enorme valia. O tradutor da obra é Luiz Alberto Moniz Bandeira, erudito que fez a primeira tradução em 1968 e revisou o texto em 2005. Kautsky é um teórico marxista geralmente ignorado, pois Lenin o considerou um renegado, o que, a meu ver, foi uma avaliação injusta. Ele tinha razão apenas no calor do debate e do momento.



O socialismo para o qual acenava Hitler era aquele que avançaria para deixar intacta a autoridade das instituições representativas. Assim, se o socialismo revolucionário não deve ocorrer, a democracia também deve desaparecer (p. 209). A questão aí é que as sociedades já estavam suficientemente desenvolvidas, de sorte que já não havia qualquer alternativa ao capitalismo além do socialismo. Neste sentido, “o capitalismo corporativo é tão autoritário quanto nacionalista, pois assevera a desigualdade dos indivíduos na mesma medida em que a desigualdade entre as nações. ‘O internacionalismo e a democracia são inseparáveis’, anunciou Hitler em seu discurso de Dusseldorf – que até o momento tem passado quase despercebido – sobre os fundamentos do nacional-socialismo.” (POLANYI, *La Esencia del Fascismo* 2012 [1935], 225). Ora, o ponto exato da análise é que, conforme a proposição de Mussolini, “a democracia é um anacronismo, ‘pois unicamente um Estado autoritário pode afrontar as contradições inerentes ao capitalismo.’” (p. 227).

Isto tudo vale dizer que a radicalização da democracia desemboca na superação da propriedade privada dos meios de produção. Isso é a essencialidade do socialismo. Do lado oposto, o fascismo é o reforço do capitalismo. Como o capitalismo não consegue arrumar suas próprias contradições, tem de empurrar, pela força, o modo de produção que desvincula o trabalhador do processo democrático. É precisamente neste desplazamiento (deslocamento) da democracia que estão coligados os temas que estamos tratando. Os fascismos e nazismos, bem como o sionismo e o apartheid, somente fazem sentido se houver a admissão de uma lógica antidemocrática como permeabilizante do agir. Na ação que promovia o apartheid, não vinha em questão qualquer conceituação efetiva do que seria a democracia. Dela, os pretos estavam afastados. O mesmo se há de dizer em relação ao sionismo, que afasta de si a população palestina. Mas o mais tremendo de tal pensar é que o afastamento da democracia e do socialismo da fé cristã corresponde à mesma lógica de reforço do capitalismo. Não mais se trata de fé cristã, mas de torcer o sentido da fé para torná-la serviçal de outros interesses. O sionismo afasta de si a fé judaica da mesma forma que o apartheid, o nazismo, o fascismo e a Ku Klux Klan nos Estados Unidos afastaram de si a fé cristã. Ela teria alguma serventia se fosse cooptada, manipulada, direcionada desde outra lógica. Se até aqui se seguiu o argumento, dá-se o caso de concluir pela inautenticidade de toda fé que se torna subserviente ao modo capitalista de produção. Fora da luta socialista, não há fé cristã possível.



À Guisa de Conclusão

Mas não haveria aí um delírio de minha parte na proposição de que o socialismo está umbilicalmente ligado ao cristianismo e que o *espírito do capitalismo* é o corruptor da fé, isto no sentido até como posicionou o tema Weber (WEBER, 1999)? Ora, quem pontuou esta questão da ligação entre socialismo e fé cristã não foi primeiro ou de modo mais incisivo um teólogo, mas sim o marxista Karl Kautsky, o legatário da obra de Marx e Engels, ao propor que o socialismo estava presente nas origens do cristianismo (KAUTSKY, 2010 [1908]). Ora, o que se aduz aqui é que o capitalismo necessita imprimir novas formas de promover o reforço do sistema e, para isso, se utiliza das armas ideológicas que tem à disposição (HINKELAMMERT, 1983). É isso que vem à luz nas contribuições trazidas à mesa por Vítor Westhelle, já que, retomando a teologia de Lutero, percebeu que a cruz não encontrava apenas uso, mas, mais propriamente, abuso. E o abuso é afastar da cruz o escândalo, bem ao gosto e modo capitalista (WESTHELLE, 2008, 17-30). Em relação à cruz, especialmente no capitalismo, o caso é evadir-se dela.

Esta evasão pode ter muitas nuances de significado, já que o Reino de Deus não seria algo construído pela ação humana, como ponderou (BRAKEMEIER, 1984, 49). Mas não é esse o ponto. O Reino de Deus não é algo construído, e sim, algo dado. Reino de Deus é a soberania ou a vontade de Deus para a qual as pessoas são convidadas (MANSON, 1965). Então, o Reino de Deus está aí, está presente na mensagem do socialismo, mas não está na cooptação e adulteração que o sistema capitalista promove aos valores da fé. A questão, ainda, é que a manipulação da fé promove o seu próprio esgotamento. Não é fé partilhar o ideário do apartheid, como também não é fé o apelo fascista e nazista. Tampouco é séria e autêntica fé a autojustificativa sionista para bombardear a faixa de Gaza com objetivos genocidas. Em antecipação a estas questões, a teologia já elabora sua reflexão em torno do que virá depois da cristandade (VATTIMO, 2002).

Esta indagação pelo que virá depois é também prenúncio para o depois da democracia ou pós-democracia. Quem se utilizou desta expressão, *post-democracy*, foi o sociólogo e cientista político britânico Colin Crouch, no ano de 2000. Percebeu ele que as sociedades ditas democráticas poderiam conter os aspectos típicos dos sistemas democráticos, a exemplo das eleições e liberdade de imprensa, sem que a democracia de fato seja exercida. Em 2004, o argumento foi aprofundado (CROUCH, 2004). O ponto é que a democracia é cooptada e isto em paralelo ao que ocorre com



o próprio cristianismo. No mundo pós-Cambridge Analytica e a nova engenharia do caos (EMPOLI, 2019), não há outro caminho para a fé cristã além da assunção da mais contundente radicalidade em torno da cruz e do evangelho. Não sendo assim, melhor esquecer a fé cristã e passar para outro assunto, porque qualquer ranço de protestantismo terá deixado de existir.

Referências

- ALTMAN, Breno. *Contra o Sionismo; Retrato de uma Doutrina Colonial e Racista*. São Paulo: Alameda, 2023.
- BRAGA, Pablo de Rezende Saturnino. “África do Sul: Ocupação e Apartheid.” Em *África e Brasil: História, Cultura e Educação*, 269-313. Campinas: Editora Página 13, 2015.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e Esperança Apocalíptica*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- CALVINO, Juan. *Institución de la Religión Cristiana*. 5ª. Barcelona: FELiRE, 1999 [1597].
- CROUCH, Collin John. *Post Democracy*. Cambridge: Polity, 2004.
- EMPOLI, Giuliano da. *Os Engenheiros do Caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FISCHER, Louis. *Gandhi*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- GUTHRIE JR., Shirley C. *Christian Doctrine*. Atlanta: John Knox Press, 1968.
- HINKELAMMERT, Franz. *As Armas Ideológicas da Morte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1983 [1925].
- KAUTSKY, Karl. *A Origem do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010 [1908].
- KRUMPHOLZ, Gregor. “Als „Deutsche Christen“ Jesus zum arischen Galiläer machen wollten.” *Welt*. 06 de maio de 2019. <https://www.welt.de/geschichte/zweiter-weltkrieg/article193005435/Deutsche-Christen-Jesus-sollte-zum-arischen-Galilaeer-gemacht-werden.html>.
- KRUSE, Marcos. *Fé Cristã, Ecumenismo, Seitas & Cultos; O Sistemático Errar o Alvo*. Washington: Publicação Independente mkruse, 2023.
- LE GOFF, Jacques. *Uma Breve História da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LENIN, Vladimir Ilitch. “O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo.” Em *Obras Escolhidas*, vol. 2. Moscou: Editorial Avante!, 1984 [1917].
- MANSON, Thomas Walter. *O Ensino de Jesus*. 2ª. São Paulo: ASTE, 1965.



MAZZUCHELLI, Frederico. *A Contradição em Processo; O Capitalismo e suas Crises*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. “A África do Sul independente: segregação, Apartheid e transição pactuada (1910-1994).” Em *África do Sul; História, Estado e Sociedade*, 35-64. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2010.

“Apartheid; Apogeu e Crise do Regime Racista na África do Sul (1948 - 1994).” Em *Desvendando a história da África* [, por Analúcia Danilevicz PEREIRA, edição: Jr (org) MACEDO, 139-157. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

POLANYI, Karl. “El Fascismo y la Terminologia Marxista.” Em *Textos Escogidos*, 231-234. Buenos Aires: Clacso, 2012 [1934].

POLANYI, Karl. “La Esencia del Fascismo.” Em *Textos Escogidas*, 203-229. Buenos Aires: CLACSO & Universidad Nacional de General Sarmiento, 2012 [1935].

VATTIMO, Gianni. *Depois da Cristandade; Por um Cristianismo não Religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

WALKER, Willinston. *História da Igreja Cristã*. 2ª. São Paulo: ASTE & JUERP, 1980 [1967].

WEBER, Max. *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1999.

WEINER, Melissa F. “O fardo holandês: escravidão, África e imigrantes nos livros de história da escola primária na Holanda.” *Sociologias*, nº 40, set / dez 2015: 212-254.

WESTHELLE, Vítor. *O Deus Escandaloso; O Uso e Abuso da Cruz*. São Leopoldo: Sinodal & EST, 2008.